

Sexta-feira, 21 de Dezembro de 1956

RUBEM BRAGA

## Geografia

21/12/56

UM dos assuntos mais engraçados da imprensa e da política internacional do Brasil é esse do reatamento de relações diplomáticas com a Rússia e outros países da chamada Cortina de Ferro. Quando se toca nesse problema quase todo mundo que escreve artigo ou dá entrevista concorda em que seria conveniente recomeçar essas relações. Gente do governo, inclusive, altamente responsável, pensa e diz isso. Mas depois tudo fica por isso mesmo...

Não sou dos que acreditam que a situação econômica de nosso país ficaria uma beleza se amanhã pudéssemos negociar livremente com a Rússia, a China, a Bulgária, etc. Tudo indica, ao contrário, que, pelo menos inicialmente, nossas trocas com esses países seriam medíocres e não alterariam de maneira sensível os dados de nossa balança comercial. Penso, porém, que mesmo que seja pequeno o interesse, ele existe, e é melhor tratar diretamente de negócios com alguém que através de um intermediário que embolsa os melhores lucros da operação. Além disso o comércio internacional é algo de dinâmico e imprevisível e ninguém pode afirmar que assim, «troçados de mal», não estejamos correndo o risco de perder uma ou outra boa oportunidade de bons negócios.

Isso, do ponto de vista econômico. Do ponto de vista político, a falta de relações com a Rússia e outros países me parece uma tolice e uma diminuição. Tem mesmo seu lado humilhante — parece que somos um país que ainda não atingiu a maioria e por isso deve evitar relações perigosas, que nossos amigos mais crescidos podem ter...

Senti, nas Nações Unidas (e mesmo sem ir lá, apenas lendo telegramas, qualquer pessoa pode sentir) a tremenda importância que a Índia adquiriu na política mundial de hoje. Essa importância é muito maior do que seria normal em face de considerações de ordem econômica, estratégica, etc. Uma grande parte dela não vem do fato da Índia ser o que Índia é, mas apenas da atitude que ela toma diante do mundo. Vem desse detalhe monstruosamente importante da Índia ter um governo inteligente e capaz, dono de seu nariz. Ficasse ela na posição passiva de um simples satélite girando em volta da Rússia ou dos Estados Unidos, e seria apenas um voto em uma assembléia de muitas dezenas.

Não estou advogando para o Brasil uma política internacional igual à da Índia. Cada país sabe onde lhe aperta o calo e onde e como pode apertar o calo do vizinho. Estou apenas propondo que saíamos dessa longa, tradição de quase passividade em que temos vivido, para assumir pelo menos um papel à altura de nossa ainda precária mas já sensível importância real na paisagem do mundo. A medida preliminar para isso é tomar conhecimento do mundo, abrir diálogo com ele e não apenas com a sua meia banda. O resultado de nossa atitude entre capanga e menino de internato é que os Estados Unidos quase só tomam conhecimento de nós quando se interessam por algum ponto de nossa geografia. A culpa não é deles, é nossa. É tempo de começarmos a existir não só geográfica mas também historicamente; é mais do que tempo.